

DEPOIMENTO

ANDAR SOZINHO

José Ricardo da Silva Homem

Meu nome é José Ricardo da Silva Homem, e nasci no dia 8 de agosto do ano de 1952. Tive uma infância e uma adolescência saudável e imensamente feliz até que, aos 13 anos, perdi a visão do olho esquerdo e, mais tarde, fui perdendo também a audição e a visão do olho direito. Por volta dos 27 anos já não enxergava nem ouvia mais.

Em 1986, seguindo a sugestão de uma amiga de família que, numa reunião informal, ficou sabendo do meu amor à arte, entrei para a Escola de Cerâmica da Igreja Messiânica Mundial, Sekay Kyusei Kyo, no Grajaú, perto da minha casa. Desde então, vivo momentos de encantamento toda vez que sinto o frescor da argila molhada em minhas mãos. Até hoje faço cerâmica com entusiasmo e muita emoção; como diz meu mestre, minha arte vem da alma!

Em 1995, outra porta se abriu em minha vida: passei a freqüentar o Programa de Atendimento e Apoio ao Surdocego, no IBC.

Sempre gostei muito de ler. Devorava livros, quando ainda enxergava. Depois, só podia ler com a ajuda de minha mãe, que leu vários livros para mim de uma maneira muito peculiar, que nós mesmo inventamos: ela desenhava as letras na palma da minha mão ou em uma das minhas pernas. Mas eu queria mais... Como era bom ler e escrever, mas, depois de cego, como podia eu fazê-lo sem depender dos outros? Foi então que, no dia 14 de setembro de 1995, ao tocar o interfone de minha casa, minha mãe anunciou a visita de uma professora do IBC. Ao chegar aquela pessoa tão especial, eu pensei: "meu Deus, eis a grande oportunidade". Aprender o sistema Braille, poder ler, estudar, escrever o que sinto e o que penso... Foi uma realização! Vibrei de felicidade quando recebi pela primeira vez uma revista em Braille, pelo correio. Que alegria, sou gente de novo, pensei.

Depois veio a bengala. Após algum tempo de treino, um dia minha mestra soltou meu braço deixando-me livre. Senti-me seguro, andando com toda a firmeza; havia deparado com um monte de capim ou grama cortada, e senti logo, com a bengala, a diferença. Subi o montinho, dei dois passos para a frente e dei meia volta. Estava firme, seguro, confiante, feliz... Meu Deus, há 18 anos que não andava sozinho! Que maravilha aquela sensação de liberdade! Foi tão emocionante que lágrimas me vieram aos olhos.

Sempre gostei de conhecer pessoas e tenho tido a sorte de conhecer pessoas maravilhosas a cada dia. Estou muito feliz, com muita fé, coragem e força de vontade para continuar aprendendo mais, pois sonho em ajudar pessoas deficientes como eu. Um deficiente pode ser mais feliz sendo útil.